

Ultimato aos bancos

10 ABR 1987

GAZETA MERCANTIL

por Paulo Sotero
de Washington

Os governos do México e da Argentina comunicaram aos bancos, separadamente, que eles têm até hoje, sexta-feira, para responder aos pedidos relativos aos acordos de financiamento já assinados ou acertados em princípio.

Segundo fontes bancárias, o ministro das Finanças do México, Gustavo Petricioli, que assinou no mês passado um empréstimo de dinheiro novo de US\$ 7,7 bilhões com os bancos, mas até agora não viu a cor do dinheiro, indicou a seus credores que não esperará nenhum dia mais, além de hoje, para receber parcela inicial do empréstimo. Petricioli não deixou claro o que fará, caso não seja atendido.

Já seu colega argentino, Juan Vital Sourrouille, indicou aos bancos credores que, se os bancos continuarem resistindo à reivindicação de taxa de risco apresentada por seu gover-

no (a Argentina propôs pagar, sobre um empréstimo de dinheiro novo de US\$ 2,15 bilhões que negociou com os bancos, o mesmo "spread" de 0,8125% que foi concedido ao México), embarcará para Buenos Aires e dará as negociações por encerradas.

Num clima já tornado tenso pela confrontação com o Brasil, o ultimato duplo recebido do México e da Argentina colocou os bancos em ação. Como prova disso, ontem os três copresidentes do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, do Citicorp, Leighton Coleman, do Morgan Guaranty, e David Drury, do Lloyds, não compareceram à reunião preparatória ao encontro que o comitê terá com o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros, hoje, em Nova York.

A dificuldade em relação ao desembolso do empréstimo mexicano deve-se ao fato de várias dezenas de bancos regionais america-

nos não terem ainda aderido.

No caso argentino, o obstáculo principal parece estar no "spread". Buenos Aires não deseja pagar mais do que 0,8125% sobre a Libor concedido ao México. Os bancos insistem em 0,875%. Discursando ontem perante o Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), o ministro das Finanças, Juan Sourrouille, criticou os bancos e, na mesma linha das declarações recentes de Funnaro, colocou em dúvida a utilidade de todo o atual esquema de renegociação.

Depois de lembrar que seu país firmara um acordo com o FMI, Sourrouille afirmou que isso aparentemente de nada adiantará, pois a Argentina está enfrentando arrastadas negociações com os bancos privados. "Em outras palavras, os fatos estão demonstrando que a atual estratégia da dívida implica que o acordo com o FMI é apenas um débil sinal para o começo de outra discus-

são", afirmou o ministro argentino.

A tal ponto essa mecânica não é operativa que as autoridades de vários governos aqui representados, depois de terem formalmente aprovado o programa econômico do governo argentino, recorreram ao arbítrio de um empréstimo-ponte, que é um esquema de financiamento informal e temporário."

Sourrouille explicou, a seguir, que as dificuldades que separam os bancos comerciais do acordo com a Argentina são uma pequena diferença sobre taxas de risco e, mais preocupante, "solicitações de esquemas financeiros que põem em perigo a solidez da política monetária e a autonomia do sistema financeiro argentino".

"Não se deve admitir que um estreito interesse particular de alguns bancos possa converter-se em um obstáculo insuperável para uma política a respeito da qual estamos fundamentalmente de acordo e estabelecemos formalmente com a comunidade internacional (através do acordo com o FMI)", acrescentou Sourrouille.

De acordo com uma pessoa que estava sentada próxima à delegação dos Estados Unidos, o secretário do Tesouro, James Baker III, agitou-se em sua cadeira ao ouvir essa passagem do discurso do ministro da Argentina, virou-se para trás e sussurrou para um de seus assessores: "Vamos descobrir que bancos são esses e falar com eles".